

O diagnóstico de um mundo que não adormece

The diagnosis of a world that does not fall asleep

GABRIEL VERTULLI*

JÚLIA TAVARES BESSA**

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, 144 p.

Como um tema como o “sono” poderia ser relevante para a análise da atual conjuntura do capitalismo globalizado? Esta certamente é uma questão que muitos leitores colocam logo nas primeiras páginas do livro “*24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*” de Jonathan Crary. O autor é professor de Arte Moderna e Teoria na Universidade de Columbia (EUA), este é o seu último livro e saiu em 2013 pela Verso Books. A tradução de Joaquim Toledo saiu pela extinta Cosac Naify em 2014 e não deixa nada a desejar, pois o tradutor conseguiu manter o aspecto claro com que os argumentos vão se apresentando no decorrer do texto. Em termos formais o livro pode ser lido como um grande ensaio, Crary consegue dar fluidez a sua erudição ao trabalhar uma gama de autores sem transformar a leitura em um grande tratado sobre o estatuto do sono no mundo contemporâneo.

Em seu livro, ele nos apresenta um diagnóstico seco de como o capitalismo tardio do mundo globalizado opera a partir de uma dinâmica da disponibilidade. Em outras palavras, isso quer dizer que uma das principais chaves interpretativas da contemporaneidade seria que, devido aos avanços tecnológicos, somos consumidores/trabalhadores e podemos nos comunicar “*24 horas por dia, 7 dias por semana*”. Assim sendo, nossa existência mais banal acompanharia o mercado das bolsas de valores ou de qualquer venda virtual: não há pausas,

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, bolsista do CNPq. (Email: gabrielvertulli@gmail.com)

** Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Literatura da Universidade Federal Fluminense. (Email: j.bessaa@gmail.com)

não há limites, o cotidiano é ininterrupto, pois se tornou um tempo “sem tempo” – estamos conectados, disponíveis, ou melhor, podemos viver em um regime 24/7 na medida em que o capitalismo se desdobra de forma “on-line”. É justamente por isso que ele lança mão da noção “24/7” para descrever nossa condição ontológica atual, ele busca demonstrar como nos tornamos indivíduos habitando um espaço que não acompanha os ritmos sazonais marcados pela pausa e a renovação que são característicos da natureza.

Em linhas gerais, Crary nos apresenta nosso próprio mundo como um mundo que nunca dorme. Nós viveríamos nessa realidade sonâmbula e sentiríamos claramente seus desdobramentos: em escala mundial poderíamos dizer que a catástrofe ambiental está diretamente ligada ao consumo e à produção 24/7. No que diz respeito ao aspecto ligado à vida privada, basta pensar no número crescente de indivíduos que se queixam de insônia, dificuldades de adormecer e déficit de atenção. Todos esses seriam sintomas de uma existência baseada na lógica da mercadoria – uma lógica da incessante produção e descarte 24/7. O seu diagnóstico é arrebatador devido ao grau de veracidade. Um exemplo à primeira vista corriqueiro, não obstante essencial para Crary, é a invenção da energia elétrica no século XIX, diz ele que “*o desenvolvimento da iluminação pública por volta da década de 1880 atingiu dois objetivos inter-relacionados: reduziu antigos temores associados à escuridão noturna e expandiu a duração e, portanto, a lucratividade de muitas atividades econômicas.*” (p. 26). A claridade total seria associada à vigilância constante, que estaria intimamente ligada à criação de sociedades de controle. Assim, com vários exemplos históricos, ele nos mostra como a iluminação dos lugares públicos e privados permitiu a vida “sem interrupção”, uma vez que, ao imitarmos a luz do dia com a eletricidade, acabaríamos por não distinguir mais o dia da noite e passaríamos a viver em um tempo contínuo, *ad infinitum*.

Outro argumento de Crary que vale muito a pena de ser sublinhado é que a disponibilidade 24/7 atrofia a paciência. O definhamento da capacidade de aguardar e ouvir o outro estaria ligado à crise da democracia que marca os últimos anos. A lógica da produção ininterrupta criou uma sociabilidade baseada na “*competitividade, promoção, aquisição, segurança pessoal e conforto à custa dos outros*” (p. 50). Essa racionalidade avessa a formas de organização social que privilegiam a coletividade teria impregnando o indivíduo contemporâneo de uma impaciência sem precedentes, “*a espera real hoje – no trânsito, em filas de aeroporto – intensifica o ressentimento e a competição com o próximo*” (p. 133). A completa intolerância a qualquer tipo de espera seria o que marca a condição existencial do indivíduo “*online*”. O presente contínuo tornou intolerável o aguardar por um ônibus, a

demora do *download* de um arquivo, a fila do banco, o atendimento ao telefone, qualquer pausa que ofereça uma ameaça à resposta instantânea. Segundo Crary, tornamo-nos indivíduos ansiosos, reféns do imediatismo. Poderíamos dizer que a impaciência e a intolerância seriam sintomas da pressão vivida de forma 24/7, estes seriam indícios de uma “terra sonâmbula”, usando aqui a expressão de Mia Couto para representar um espaço compartilhado refém do conflito e da guerra.

No decorrer dos quatro capítulos que compõem o livro é tentador pensar que esta seria a melhor descrição do impacto da tecnologia na cotidianidade. Em termos weberianos, poderíamos dizer que, devido à práxis ininterrupta da produção e do consumo, o mundo nunca foi tão “desencantado”. Aliás, devido ao tom vertiginoso, não seria exagero comparar o diagnóstico de Crary com os trabalhos dos grandes críticos da civilização moderna que despontam na virada do século XIX para o século XX, como Nietzsche, Huizinga, Spengler, Simmel, Ortega y Gasset, entre outros. Ainda nessa perspectiva, poderíamos até pensar o seu livro ao lado de romances clássicos da literatura distópica, como *1984* de George Orwell, *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley e, em especial, *Clube da luta* de Chuck Palahniuk. Este último, diga-se de passagem, é de um parentesco enorme, pois o que Palahniuk ilustrou em sua ficção, Crary nos apresenta a partir de pesquisas empíricas e teoria crítica, a saber: uma sociedade de controle globalizada que torna seus indivíduos em consumidores 24/7 que sofrem de insônia na medida em que existiria um hiato intransponível entre a disponibilidade absoluta e a necessidade natural do sono. Com efeito, não podemos deixar de sublinhar que, mesmo na descrição estonteante de nossa “sociedade sonâmbula”, Crary entende que o pessimismo não precisa ser generalizado, pois seria justamente no sono que poderíamos encontrar uma forma de “resistência” às demandas do mundo 24/7.

É sabido que a crítica à técnica e ao capitalismo globalizado não é nenhuma novidade, de fato é muito difícil acrescentar algo de realmente novo para esta temática depois de autores como Adorno e Chomsky (para citar apenas dois), mas o livro de Crary não se deixa reduzir a meros argumentos panfletários ou “tecnofóbicos”. Ademais, dado que ele parte de um conjunto de problemas tomados como clássicos pela tradição marxista e pela teoria crítica, podemos dizer que o seu argumento sobre o sono como resistência se apresenta como um campo ainda fértil, digno de ser explorado e debatido. O cerne da sua argumentação é que, uma vez que o capitalismo 24/7 institui um mundo do trabalho, da produção e do consumo sem pausas, o sono apareceria como “*um hiato incontornável no roubo do tempo a que o capitalismo nos submete*” (p. 20). Em outros termos, o sono seria o último resquício de um

mundo pré-moderno, o sono seria única parte de nossas vidas que ainda não foi tornada mercadoria – sendo assim, a inevitabilidade do sono, dado que este é uma necessidade humana, se apresentaria como um “*intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo monolítico de lucratividade, e desse modo permanece uma anomalia incongruente e um foco de crise no presente global.*” (Ibid.). De forma direta, podemos dizer que o principal argumento de Crary é que o sono é a única forma de se ausentar da temporalidade 24/7.

Todavia, o próprio autor se preocupou em frisar que, mesmo o sono sendo o último empecilho para realização completa da práxis 24/7, não faltam iniciativas para tentar suprimir este obstáculo. Nota-se atualmente na indústria farmacêutica uma inúmera quantidade de artifícios medicamentosos para controlar o sono, seja para se manter alerta e continuar a produzir, seja no intuito de realmente dormir e descansar. Podemos ver também que até mesmo na indústria de alimentos, cada vez mais consumimos produtos como café, guaraná, chás, que são vistos como produtos “naturais”, para termos essas mesmas respostas oferecidas por medicamentos. Inúmeros seriam os esforços para tornar o sono mais uma mercadoria. Ainda sobre esse assunto, Crary menciona as cifras exorbitantes que o serviço de inteligência norte-americano gasta no intuito de criar uma espécie de soldado perfeito, ou seja, um “soldado sem sono” e “sem medo”. Este empreendimento visa criar as condições de possibilidade de um indivíduo de alto rendimento durante o maior tempo possível. Com efeito, o tema não é novo, como se pode perceber pela polêmica sobre se o exército de Hitler teria angariado suas primeiras vitórias consumindo Pervitin e pílulas de metanfetamina, quer dizer, drogas que potencializam a atenção, aumentam a sensação de poder e diminuem o cansaço e o estresse (esta tese se tornou famosa no meio não acadêmico principalmente em função da divulgação do documentário “*Nazi secrets files*”). O fato é que o capitalismo 24/7 está em uma tácita guerra contra o tempo improdutivo do sono. É impossível negar que o sono foi fragilizado e degradado de maneira nunca antes vista, porém, apesar de tudo, o argumento de Crary é que ele ainda não foi completamente tiranizado.

No regime marcado pela disponibilidade total o sono raramente seria de qualidade. Este regime seria a marca da indistinção entre “tempo de trabalho” e “tempo de lazer”, e esta não-distinção o movimento que busca colocar o sono dentro da lógica mecânica da produção mercadológica de incessante produção e descarte. Este cenário seria o que cria as condições necessárias para a epidemia de insônia na contemporaneidade. Seja dito de passagem, o próprio trabalho intelectual – que deveria ser avesso à lógica da produção 24/7 – já opera há

muito tempo dentro deste regime. Intelectuais e acadêmicos vivem de forma cambaleante dentro desta dinâmica onde a pressão por produção torna os seus textos mercadorias quantificáveis e descartáveis. No regime 24/7 opera o paradigma quantitativo, sendo assim, não importaria mais a qualidade do que é produzido, o que importa é a produção em grande escala que possibilite incessante consumo.

Caminhando para o desfecho desta resenha, dado que a noção 24/7 é a noção chave para o diagnóstico de Crary na medida em que fundamenta a sua crítica ao capitalismo tardio, resta dizer que ela representa, acima de tudo, o automatismo que homogeneiza a experiência coletiva. Isto resulta em um calculado distanciamento interpessoal que acaba gerando uma sociedade disciplinar, ou seja, uma sociedade de controle, na qual não haveria um movimento radical de transformação, não haveria rupturas, mas apenas um consumo exacerbado e imediato. Com uma espécie de floreio um tanto adorniano, Crary retrata como o capitalismo 24/7 possui um fim em si mesmo e, por isso mesmo, como toda forma de atividade inerente a ele estaria empenhada na manutenção do *status quo*.

Em breve síntese, a leitura do “livro-ensaio” de Jonathan Crary contribui para o entendimento de como a análise do sono auxilia na criação de uma nova visão sobre conjuntura totalizante do capitalismo globalizado. O diagnóstico de um mundo que não adormece parece um tanto aterrorizante, mas sua conclusão não flerta com o pessimismo característico do impasse que marca dialética do esclarecimento de Adorno e Horkheimer, e, muito menos, com o tom desolador dos críticos da civilização de herança niilista, ao contrário, ele nos apresenta a irredutibilidade do sono como uma forma de ir na contramão do peso do presente contínuo que marca a condição ontológica do homem contemporâneo.